

IAN RANKIN

# UMA MORTE IMPOSSÍVEL

Tradução de  
Ângelo dos Santos Pereira

# 1

- Não está cá – indicou o agente de serviço na receção.
- Então onde é que ele está?
- Foi chamado para uma ocorrência.

Fox dirigiu-lhe um olhar ameaçador, sabendo que de pouco adiantaria. O sargento era um daqueles veteranos que acreditavam ter visto e enfrentado quase tudo na vida. Fox leu o segundo nome da sua lista.

- Haldane?
- De baixa por doença.
- Michaelson?
- Foi tratar de um caso com o inspetor-detetive Scholes.

Tony Kaye encontrava-se mesmo atrás do ombro esquerdo de Fox. Um segundo antes de as palavras lhe saírem da boca, Fox soube o que ele ia dizer.

- Estão a gozar com a nossa cara.

Fox virou-se para o colega. A notícia espalhar-se-ia rapidamente pela esquadra: os tipos dos Assuntos Internos tinham ficado visivelmente irritados por não conseguirem falar com quem pretendiam.

O sargento mudou o peso do corpo de uma perna para a outra, tentando não parecer demasiado satisfeito com o rumo dos acontecimentos.

Fox olhou em volta. Na parede estavam afixados os avisos habituais. A esquadra era nova e quase podia ser confundida com um consultório médico ou uma repartição dos Serviços Sociais, desde que se ignorasse o sinal que indicava que o nível de alerta subira de BAIXO para MODERADO. Essa alteração não fora provocada por Fox

ou pelos seus homens, mas por uma explosão registada perto de Lockerbie, numa zona florestal. A cidade de Kirkcaldy ficava muito afastada do local do incidente, mas, aparentemente, todas as esquadras da região tinham sido notificadas.

Uma campainha e um pequeno letreiro escrito à mão que indicava «TOQUE, POR FAVOR» – o que Fox fizera há três ou quatro minutos – encontravam-se em cima do balcão. Por trás deste havia um espelho unidirecional através do qual o oficial devia ter visto o inspetor Malcolm Fox, o sargento Tony Kaye e o agente Joe Naysmith entrar. A esquadra fora antecipadamente avisada de que eles tencionavam falar com o inspetor-detetive Scholes, e com os sargentos-detetives Haldane e Michaelson.

– Acha que é o primeiro a tentar ludibriar-nos com essas desculpas? – perguntou Kaye ao sargento. – Talvez não seja má ideia começarmos por interrogá-lo *a si*.

Fox consultou a segunda folha que tinha na pasta.

– E a sua chefe, a superintendente Pitkethly?

– Ainda não chegou.

Kaye olhou para o relógio e franziu o sobrolho.

– Reunião com a direção – esclareceu o sargento.

Joe Naysmith, que se encontrava à direita de Fox, parecia distraído com os folhetos pousados no balcão. Fox apreciava aquela postura: era um sinal de confiança, a segurança de quem sabia que aqueles polícias acabariam por ser interrogados pelos Assuntos Internos, de quem encarava as estratégias dilatórias como parte de todo o processo.

A designação «Assuntos Internos» tornara-se obsoleta, mas Fox e a sua equipa gostavam de usá-la, pelo menos entre si. «Ética e Normas Profissionais» era a nova denominação do departamento, que dentro de um ano voltaria a mudar de nome: «Normas e Valores» era uma das hipóteses em cima da mesa, ainda que não agradasse a ninguém. Mas a essência do trabalho daqueles que o integravam mantinha-se inalterada: eram polícias que investigavam outros polícias. Por essa razão, os seus colegas nunca se mostravam satisfeitos por vê-los... e raramente se dispunham a colaborar.

– Na sede, em Glenrothes? – inquiriu Fox.

– Exatamente.

– Quanto tempo demoramos a lá chegar? Vinte minutos?

– Partindo do princípio de que não se perdem...

O telefone que estava atrás do sargento começou a tocar.

– Podem sempre esperar aqui – concluiu, virando-se para atender e mantendo-se de costas para Fox enquanto falava em voz baixa para o bocal.

Naysmith pegou num panfleto sobre segurança doméstica, deixou-se cair numa das cadeiras junto à janela e pôs-se a ler. Fox e Kaye entreolharam-se.

– O que te parece? – inquiriu Kaye. – Temos uma cidade inteira para explorar...

Kirkcaldy era uma cidade costeira na região de Fife. A viagem, feita no carro de Kaye, demorara quarenta minutos desde Edimburgo, a maior parte passados na faixa esquerda da autoestrada. Ao atravessarem a ponte de Forth Road, tinham recorrido sobre a longa fila de trânsito na via contrária, que se dirigia para a capital no início de mais um dia de trabalho.

«Lá vão eles roubar-nos os empregos», brincara Kaye, pressionando a buzina e acenando.

Naysmith revelara ser o único com algum conhecimento do local para onde iam.

«O linóleo é uma das coisas mais famosas de Kirkcaldy. Para além do Adam Smith, claro.»

«Em que equipa é que ele joga?», perguntara Kaye.

«Era um economista.»

«E o Gordon Brown?» acrescentara Fox.

«Também é de Kirkcaldy» confirmara Naysmith, assentindo lentamente com a cabeça.

Agora, de pé na receção da esquadra, Fox analisou as suas opções. Podia sentar-se, esperar e perder a paciência, ou contactar o seu chefe em Edimburgo – à semelhança de uma criança que se queixa ao pai dos meninos maus. Este telefonaria, por sua vez, para a sede da Polícia de Fife<sup>1</sup> e a situação sofreria seguramente algum tipo de desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Polícia territorial responsável por todo o conselho de Fife. (N. do T.)

Ou...

Fox olhou novamente para Kaye, que esboçou um sorriso e bateu com as costas da mão no panfleto de Naysmith.

– Pega no teu chapéu de caça, Joe – atirou-lhe. – Vamos para a selva.

Estacionaram em frente ao mar e olharam durante alguns minutos na direção de Edimburgo.

– Parece estar sol para aqueles lados – lamentou-se Kaye, abotoando o blusão. – Aposto que gostavas de ter trazido um casaco decente.

Habitado a ouvir comentários sobre as roupas de marca que comprava, Naysmith puxou o colarinho para cima. Um vento forte soprava do mar do Norte. A forte ondulação e as poças no passeio davam a entender que a maré estava propensa a ultrapassar o molhe. Até as gaiotas revelavam dificuldade em manter-se no ar. Havia algo de estranho naquela marginal: em vez de virados para o horizonte, os edifícios tendiam a estar voltados para o centro da cidade. Fox deparara-se com o mesmo fenómeno noutra parte da Escócia: de Fort William a Dundee, os projetistas pareciam ter ignorado a existência de uma costa. Nunca percebera porquê, mas duvidava que Kaye e Naysmith pudessem esclarecê-lo.

Naysmith sugeriu um passeio pela praia, mas Kaye pôs-se logo a caminho de uma das ruas sinuosas que davam acesso às lojas e cafés de Kirkcaldy, deixando-o à procura de moedas para o parquímetro. A estreita rua principal encontrava-se em obras. Kaye atravessou-a e continuou a avançar.

– Onde é que ele vai? – reclamou Naysmith.

– O Tony tem um faro apurado – explicou Fox. – Não é qualquer café que lhe cai no goto.

Kaye deteve-se diante de uma porta, assegurou-se de que os companheiros o tinham visto e entrou. O Pancake Place era iluminado, espaçoso e tranquilo. Escolheram uma mesa no canto e tentaram agir como clientes normais. Fox perguntava-se muitas vezes se seria mesmo verdade que os polícias se comportavam da mesma forma em qualquer parte do mundo: gostavam de mesas de canto,

pois permitiam-lhes ver tudo o que acontecia ou estava prestes a acontecer. Naysmith ainda não aprendera essa lição e parecia não se importar de ficar de costas para a porta. Instalado ao lado de Kaye, Fox perscrutou o local, vendo apenas mulheres embrenhadas nas suas conversas. Os três recém-chegados examinaram os menus em silêncio, fizeram os seus pedidos e esperaram alguns minutos até a empregada regressar com uma bandeja.

– Este *scone* tem bom aspeto – comentou Naysmith, barrando-o com um pouco de manteiga magra.

– Não pensem que estamos de folga – lembrou Fox, esvaziando o conteúdo da pasta que trouxera consigo sobre a mesa. – Aproveitemos para refrescar a memória enquanto o chá arrefece.

– Vale a pena corrermos o risco? – perguntou Kaye.

– Como assim?

– Se vale a pena corrermos o risco de sujar os documentos com manteiga? Não transmitiríamos uma imagem lá muito profissional...

– Hoje sinto-me temerário – contrapôs Fox. – Apetece-me tentar a sorte...

Kaye suspirou e os três homens começaram a ler.

Agente há quinze anos, Paul Carter era a razão pela qual estavam ali. Tinha trinta e oito anos e fazia parte de uma família de polícias – o pai e um dos tios haviam servido na Polícia de Fife. Curiosamente fora o tio, Alan Carter, que o denunciara. Acusava o sobrinho de consumir drogas, de receber favores sexuais e de fazer vista grossa a incumprimentos da lei. Pouco depois dessa primeira denúncia, surgira outra queixa, apresentada por duas mulheres que afirmavam que Paul as detivera por embriaguez pública e que se oferecera para retirar as acusações em troca de um «obséquio».

– «Obséquio»? Mas quem é que usa uma palavra dessas? – murmurou Kaye.

– Juízes e jornalistas – respondeu Naysmith, removendo as migalhas de cima das suas folhas.

Fox pegou nalguns recortes de jornais onde se via Carter, com um corte de cabelo à tigela e o rosto cheio de acne, a abandonar o tribunal no final de uma sessão de audições.

Quatro dias antes, fora declarado culpado e os seus colegas considerados «deliberadamente estúpidos ou cúmplices», o que significava, na opinião do tribunal, que estes sabiam há anos que Carter era um mau polícia, tendo-o protegido, mentido por ele e, quiçá, falsificado declarações e pressionado testemunhas a não apresentarem queixa.

A Polícia de Fife precisava de confirmar a veracidade dessas alegações e, a fim de mostrar ao público (e, mais importante ainda, aos meios de comunicação social) que a investigação seria rigorosa, pediu a uma corporação vizinha que dirigisse o inquérito. Fox recebera uma cópia das *Considerações Sobre Políticas e Processos de Suspensão da Polícia de Fife*, assim como o relatório que o diretor escrevera e no qual explicava que os três oficiais sob investigação ainda estavam no ativo por ser «o melhor para os interesses da corporação».

Fox bebeu um gole de chá e passou os olhos por mais uma folha de notas. As frases tinham sido quase todas sublinhadas ou destacadas, e as margens estavam repletas de comentários, dúvidas e pontos de exclamação. Conhecia tão bem o conteúdo daquelas páginas que podia recitá-las de cor. Mais a mais, numa cidade daquele tamanho, seria normal que já toda a gente tivesse tomado partido e formado opinião: acreditariam ou que Carter era um ser pérfido, um canalha e um predador, ou que havia sido tramado por uma drogada e duas bêbedas.

– Este tipo faz-me lembrar o Colin Balfour – declarou Kaye.  
– Recordam-se dele?

Fox anuiu. Balfour era um ex-polícia de Edimburgo que visitava as celas de mulheres detidas durante a noite. Conseguira livrar-se de uma ação judicial, mas acabara por ser expulso das forças policiais no seguimento de uma investigação interna.

– É curioso que tenha sido o tio a denunciá-lo – comentou Naysmith, trazendo-os de volta ao caso que estavam a analisar.

– Mas só depois de se reformar – acrescentou Fox.

– Mesmo assim... A família deve ter ficado abalada.

– Talvez já andassem às turras – sugeriu Kaye.

– É possível – concordou Naysmith.

Kaye pousou a mão na pilha de papéis que estava à sua frente com violência.

– Quanto tempo dedicaremos a esta questão?

– O necessário. Quem sabe: até pode ser só uma ou duas semanas.

Kaye revirou os olhos.

– E tudo isto para que a Polícia de Fife possa dizer que só tinha uma maçã podre e não uma verdadeira fábrica de cidra...

– A cidra é feita em fábricas? – perguntou Naysmith.

– Onde mais poderia ser feita?

Fox não se deu ao trabalho de entrar na discussão. Os seus pensamentos centraram-se outra vez em Paul Carter. Não valia a pena tentar interrogá-lo, mesmo que isso fosse possível. Carter fora declarado culpado e aguardava a leitura da sentença sob custódia. O juiz ainda estava a «deliberar», mas o mais provável seria que o mandasse para a prisão durante alguns anos e incluísse o seu nome na lista de criminosos sexuais.

Decerto que Carter conversaria com os seus advogados a propósito de um eventual recurso, mas nunca com os Assuntos Internos, uma vez que não ganharia nada em incriminar os colegas. Fox não podia oferecer-lhe nenhum tipo de acordo. Quando muito, teriam de esperar que deixasse escapar alguma coisa, mas para isso seria necessário que abrisse a boca.

Algo que ele não faria.

Duvidava que Scholes, Haldane ou Michaelson se dispusessem também a falar. Ou melhor, talvez falassem, mas não diriam nada que valesse a pena ouvir. Estavam há muito avisados de que aquele dia chegaria. O juiz assinalara-os de entre as restantes testemunhas devido às suas declarações contraditórias, aos seus lapsos de memória e às suas tentativas de distorcer os factos. O seu superior no Departamento de Investigação Criminal, o inspetor-chefe Laird, escapara às críticas, assim como Cheryl Forrester.

– Temos de falar com a Forrester – atirou de súbito Kaye, abandonando a discussão que estava a ter com Naysmith.

– Com a Forrester?

– Sim. O primeiro nome é Cheryl. Diz-me a experiência que se trata de uma mulher.

– E então?

– É muito provável que ela tenha percebido que um dos colegas era um tarado. Não me admiraria que saiba alguma coisa... – Levantou-se. – Quem é que quer mais chá?

– Deixa-me primeiro fazer um telefonema. – Fox pegou no telemóvel e procurou o número da esquadra. – Talvez o Scholes já tenha regressado da sua passeata. – Pressionou a tecla de chamada e esperou enquanto Kaye dava um piparote na nuca de Naysmith, oferecendo-se para lhe cortar o cabelo.

– Sim? – Era uma voz de mulher.

– Pode passar-me ao inspetor-detetive Scholes, por favor?

– Quem fala?

Fox olhou em redor.

– Sou um funcionário do Pancake Place. Acho que ele se esqueceu aqui de uma coisa da última vez que cá veio.

– Um momento, vou transferir a chamada.

– Obrigado. – Fox desligou e começou a recolher todos os documentos.

– Bem jogado – elogiou Kaye. Depois, virou-se para Naysmith.

– Veste o casaco, Joe. Vamos lá espremer o gajo...